

SUPLEMENTO ESPECIAL DO
JORNAL DA BAHIA
Não pode ser vendido separadamente

JORNAL DO BAIRRO LIBERDADE

Salvador, quinta-feira,
1º de abril de 1993

FMS CPM GERIN

BIBLIOTECA

Jornal

Página



O MAIS BELO DOS BAIRROS

ONDE A
LIBERTAÇÃO
FEZ CAMINHO

PÁGINA 2

COMPROU
AQUI VIROU
FREQUÊS

PÁGINA 4 E 5

ENDEREÇOS
PARA A
SUA SAÚDE

PÁGINA 6

TODOS OS
CREDOS EM
HARMONIA

PÁGINA 6

INDEPENDÊNCIA NA RAÇA

O BAIRRO TEVE UM PAPEL ESTRATÉGICO NA EXPULSÃO DOS COLONIZADORES

Novembro de 1822. As tropas brasileiras desfecham uma poderosa ofensiva contra a Primeira Divisão Lusa, partindo de dois pontos: pelo mar, de São Brás e Escada, e por terra, da Estrada das Boiadas. Esta última ganhou o nome por ligar o centro da cidade ao primeiro abatedouro, no Retiro.

O combate inicial ocorre no dia 8, com a vitória brasileira na histórica Batalha de Pirajá. A 2 de Julho de 1823, decorridos nove meses do conflito, o Exército Pacificador, vitorioso, deixa o Pirajá com destino ao Terreiro de Jesus. Mais uma vez, a Estrada das Boiadas serve como corredor, para desfile da tropa. O "Boiadas" foi retirado e a Estrada agora é a da independência, da Liberdade do Brasil.

Entre os vitoriosos estava o tenente Luís Alves de Lima e Silva, de apenas 19 anos, neto, filho e irmão de militares. Sua participação na Guerra de Independência não teve relevância, mas a sua presença e os atos futuros foram suficientes para ser o homenageado no bairro, que se formou a partir da Invasão Corta Braço. A Estrada da Liberdade virou, então, em 1950, a Rua Lima e Silva, onde pulsa hoje a Liberdade, o bairro mais populoso de Salvador.

Sem grande especulação imobiliária durante o seu povoamento, a Liberdade foi ocupada pela maioria menos favorecida da cidade. Leia-se negros. Segundo Júlio Braga, diretor do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), no início deste século a sociedade local foi tomando rumos opostos ao da ocupação imobiliária de Salvador. Desse modo, os ricos passaram a ocupar a orla marítima, sentido



Pela antiga Estrada das Boiadas passaram os heróis da Independência da Bahia

norte a partir da Barra. O negro, recém-saído de um regime escravocrata, ocupou as terras a partir do atual Centro Histórico em direção a Pirajá. A Liberdade, assim, tornou-se uma importante via de ligação dos bairros proletários.

A rua principal começa na Praça da Lapinha e termina no Largo do Tanque, entroncamento da Rua Pedreira Franco. "Bondes para lá, favor pegar as linhas Liberdade e Zona de Santo Antônio".

Era o que recomendava o Guia da Cidade de Salvador, de 1949. Os bondes, entre eles o famoso Linha 8 de tantas histórias, brigas e paixões, só circularam até 1957. Vieram as *marinetes* e os inesquecíveis táxis-lotação, rumo ao centro.

O bairro se multiplica em vários outros como a Lapinha, Sieiro, Japão, São Cristóvão, Curuzu, Pero Vaz, Guarani, Avenida Peixe. O paraíso e o inferno, em todos eles; decorrentes da alta densidade demográfica. Praticamente inexistem

tem áreas verdes ou de lazer. As praças são limitadas ao Largo do Tanque e Lapinha.

Só o que não tem limite é a alegria de um povo que não abre mão de que viver é preciso, mesmo com toda dor — apenas 12% das casas têm rede de esgoto. Sem contar as crises viscerais que abalam o Brasil a cada manchete de jornal e que batem à porta de cada morador de um bairro que não abre mão da felicidade. Seu nome, Liberdade.

BATALHAS DE HOJE EM DIA

O povo da Liberdade tem problemas de sobra mas não poupa disposição para enfrentá-los. Prova disso são as dezenas de associações de moradores no bairro. A AMAC (Associação de Moradores e Amigos do Curuzu) é um exemplo bem-sucedido dessas associações. Com pouco menos de dois anos de fundação, a AMAC já encarou de frente problemas graves como lixo, falta de água e violência.

Marina Silva Cruz, 46 anos, presidente da AMAC conta como foi o seu surgimento: "Nós passamos quase um ano sem água no Curuzu e, o que é pior, pagando todo mês a conta". Decidida a resolver o problema, Marina saiu de casa em casa e conseguiu convencer 200 moradores a lhe entregarem os recibos da Embasa. De posse dos documentos, Marina comprou a briga com a

Embasa e o resultado foi a normalização do abastecimento. "Hoje água não é mais problema", orgulha-se Marina.

O segundo desafio da AMAC foi o lixo. O Curuzu tinha nada menos que seis pontos de lixo distribuídos por toda a rua. O local onde a situação era mais grave era ao lado do posto de saúde do Curuzu. "Se imagina que a montanha de lixo tivesse 92 anos no mesmo lugar", diz. A sujeira fazia com que ratos, baratas e mosquitos disputassem espaço com os moradores. Em uma casa, inclusive, foi registrada uma invasão de morotós, pois toda essa lixaria virou jardim. A AMAC promoveu um mutirão batizado de Dia da Vassoura, com a participação de mais de 100 pessoas. Para varrer de vez o problema, os moradores plantaram flores e

plantas, transformando os antigos depósitos em canteiros com palmeiras e até rosas. Além disso, a pressão junto à Limpurb e à Sumac conseguiu fazer com que a coleta de lixo fosse regularizada.

Mas as preocupações dos moradores do Curuzu ainda não acabaram. Segundo Marina, os meios de comunicação passam uma imagem muito negativa do local. É comum que assaltos praticados por marginais de outros bairros sejam atribuídos pela imprensa a moradores do Curuzu. Para reverter essa situação, a AMAC quer promover um encontro de cultura com a participação de representantes de várias associações de bairro e a realização de atividades artísticas como teatro, dança e canto. "A gente quer mostrar que no Curuzu não tem só ladrão", conclui Marina.

JORNAL DO BAIRRO LIBERDADE

Editor: Vander Prata

Secretaria: Jary Cardoso e
Reinaldo Kageyama

Reportagem: Emília Magalhães
e Moacyr Ribeiro

Fotografia: Fred Passos e
Valter Pontes

JORNAL DA BAHIA